

# Eleitores preferem seis anos

GAZETA MERCANTIL

21 NOV 1986

por Getulio Bittencourt de Brasília

A maior parte dos eleitores de São Paulo e do Rio prefere que o mandato do presidente José Sarney seja de seis anos, segundo pesquisa feita pelo Instituto Gallup depois da implantação do Plano Cruzado. A mesma pergunta, feita um ano antes, mostrava a preferência das pessoas por um mandato de apenas cinco anos.

Sarney deveria ficar no poder até 1990 para 55% dos fluminenses e 18% dos paulistas queriam vê-lo por seis anos no Palácio do Planalto.

Um mês depois de sua conturbada posse na Presidência, em abril de 1985, 43% dos fluminenses e 47% dos paulistas preferiam que seu mandato fosse de cinco anos, terminando em 1989.

O mandato de quatro anos, como prefere o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, era compartilhado por 37% dos fluminenses e por 29% dos paulistas em 1985. Mas esses percentuais caíram respectivamente para 10 e 13% logo depois que Sarney assinou o Plano Cruzado.

Os eleitores preferem estender o mandato de um

presidente enquanto gostam dele, pondera o diretor do Gallup, Carlos Matheus. Nesse sentido, Sarney fortaleceu-se porque estava com um índice negativo de menos 22 pontos em janeiro deste ano e saltou para 68 pontos de aprovação em São Paulo e 71 pontos no Rio em março, um mês após o Plano Cruzado.

O índice de aprovação que o Gallup dá a Sarney, em outubro passado, é de 50 pontos positivos. O próprio presidente tem uma pesquisa que lhe dá cerca de 80% de aprovação. Mas o critério do Gallup soma apenas as afirmações de "ótimo" e "bom" como positivas, associando "regular" com as conotações negativas.

"Mesmo assim, 50 pontos é um índice muito alto", diz Matheus. É o suficiente para que ele se elegeisse presidente com folga numa eleição direta em outubro ou mesmo para que elegeisse um sucessor de sua escolha nesse período. Logo depois do Plano Cruzado o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, era o segundo homem mais popular do País. No período eleitoral o deputado Ulysses Guimarães ocupou essa vaga.

(Continua na página 6)

# Eleitores preferem seis anos Sarney

por Getulio Bittencourt de Brasília (Continuação da 1ª página)

Os índices das pesquisas recuperaram sua credibilidade depois que os principais institutos acertaram os vencedores das eleições neste ano, tendo errado na disputa de prefeituras como São Paulo, Goiânia e Fortaleza no ano passado. No caso particular do Instituto Gallup, as pesquisas de profundidade para definir a natureza da intenção de voto ganharam especial relevância desta vez.

E o presidente Sarney, seu Plano Cruzado e o PMDB tiveram papéis proeminentes nas conclusões e prognósticos do Gallup. "As pesquisas deixaram sempre claro que o presidente Sarney foi o grande eleitor de 15 de novembro", constata Matheus. "Em setembro, por exemplo, uma pesquisa nacional nossa indicou que 60% das pessoas acreditavam que o Plano Cruzado deu certo e continuaria dando certo, apesar dos problemas de abastecimento", acrescentou.

O Instituto Gallup assessorou candidatos vencedores como Orestes Quércia, do PMDB, em São Paulo, e Wellington Moreira Franco, do mesmo partido, no Rio. Seu trabalho mais intenso aconteceu justamente em São Paulo, onde durante a maior parte da campanha esperava-se a derrota de Quércia.

Mas o candidato do PMDB ascendeu aproveitando as sugestões das pesquisas qualitativas. Os pesquisadores do Gallup descobriram que os eleitores estavam a favor do presidente Sarney, mas contra os políticos em geral, associando-os com a corrupção, a mentira. O eleitor estava descrente, suspeitava dos políticos.

Com isso ficou claro que o tema da eleição deste ano não era a segurança, ao contrário do que imaginou o candidato do PDS ao Palácio dos Bandeirantes, Paulo Maluf. O tema desta campanha tinha a ver com a ideia de confiabilidade. Afinal, apesar das dificuldades, as pessoas tinham confiança no Plano Cruzado, tinham esperança no futuro.

## ESTRATÉGIA DE QUÉRCIA

A estratégia de Quércia foi orientada por essa busca da confiabilidade. Os dados de Carlos Matheus indicavam que no caso paulista somente Paulo Maluf tinha uma imagem definida, e era uma imagem ruim. Quércia e o candidato do PTB, Antônio Ermírio de Moraes, tinham imagens mais indefinidas.

Por isso o candidato do PMDB consolidou o seu estilo coloquial, calmo, e procurou usar o horário gratuito da televisão para contar sua história, mostrar sua família, seus pais, seus amigos de ginásio, a estação de trem da sua Pedregulho natal. Tudo compunha um quadro familiar aos eleitores e lhe acrescentava confiabilidade.

Além disso, Quércia associou-se ao presidente Sarney, mas procurou não lhe dar um apoio passivo, e sim ativo. Ele defendia o Plano Cruzado e pedia mais — o confisco dos bois gordos no pasto, por exemplo. É que as pesquisas sugeriam que os eleitores queriam votar em candidatos ligados a Sarney, não para agradecer-lo pelo que ele fez, mas para lhe dar o suporte capaz de levá-lo a fazer ainda mais.

Ao mesmo tempo Quércia transmitia tranquilidade com sua postura de bom moço, que não agredia os adversários. Na fase final da campanha, quando parte de sua assessoria se entusiasmou e produziu uma propaganda agressiva contra Ermírio e Maluf, Quércia igualou-se aos adversários e começou a cair. Ele, que chegara a 39% das intenções de voto um mês antes do pleito, caiu para 35% e chegou ao fim de outubro com 31%, apenas 6% adiante de Ermírio.

Mas as pesquisas do Gallup sobre a reação das pessoas fizeram com que o PMDB desse uma brusca meia volta, e Quércia correu ao Palácio do Planalto para abraçar Sarney, apareceu no horário gratuito com a mulher e a filha, lançou uma casa da criança para menores abandonados e recuperou sua dianteira sobre os concorrentes.

O efeito de Sarney sobre o eleitorado foi medido por Matheus, pela via inversa, na eleição do Rio. Ela se decidiu quando Brizola, que tinha uma desaprovação de 31 pontos negativos em outubro, decidiu enfrentar o presidente e o Cruzado a céu aberto, enterrando a candidatura de Darcy Ribeiro. Enquanto 55% do eleitorado fluminense entendia que Moreira Franco era um defensor do Plano de Sarney, apenas 12% viam Darcy Ribeiro desse modo.

## GANHO DOS SALÁRIOS

Os dados de uma pesquisa nacional de Matheus apuraram que as camadas mais pobres da população tiveram um ganho de salário real médio de 30% depois do Cruzado. Essas pessoas, esses eleitores, associaram os ganhos ao Plano Cruzado, e o plano ao presidente da República. Em menor escala, também ao partido de Sarney, o PMDB. Assim, segundo a hierarquia posta pelas pesquisas, a vitória foi sobretudo do presidente.

É em parte como resultado dos dados de Carlos Matheus que vários políticos influentes do PMDB estão adotando um certo tipo de discurso, no atual processo de reforma do Plano Cruzado. Quando Ulysses Guimarães diz que as reformas não vão prejudicar os pobres, por exemplo, reflete a identificação das camadas sociais inferiores com o Cruzado, o presidente e o PMDB. A massa aceita que o governo tome recursos dos ricos, mas não dos pobres.